

JORNAL: O GLOBO

LOCAL: RIO DE JANEIRO

DATA: 18/6/85 AUTOR:

TÍTULO:

ASSUNTO: DE REPENTE, AS PALAVRAS. NA FUNARTE, UMA

EXPOSIÇÃO QUE NÃO DEIXA NINGUÉM RESPIRAR

ARTES VISUAIS O GLOBO 18/6/85 RIO

De repente, as palavras. Na Funarte, uma exposição que não deixa ninguém respirar

Palavras. De repente, a gente se dá conta de que o assunto, tão antigo, é riquíssimo, o veio inesgotável — que lidar com palavras é atividade mineiradora, vício mineiro, Minas é dicionário, já teria dito Drummond. De repente a gente se dá conta de que, na verdade, estamos apenas começando a folhear algumas páginas de um dicionário infinito, um dicionário-labirinto como estes que tem inventado Borges e, mesmo assim, já nos apressamos em concluir que a imagem é apenas o espelho da palavra — ou seria o seu avesso? Não por acaso, aliás, tantos artistas nesta exposição "Caligrafias e escrituras" discutem a própria palavra-imagem. Como Antônio Dias num díptico em que um quadro funciona como espelho do outro, ou melhor, *o som (sound the word)* se projeta como imagem (*found the image*), ou como Gerchman, encarando, à época, a arte como coisa mental ou, ao contrário, coisa mentirosa (*Arte/mente 73*) e a imagem como viagem (*"Viagem/imagem"*, 71) a um mundo desconhecido, ou que ainda J. Medeiros cite John Lennon (*"Imagine"*) para lembrar que imagem/imaginar tem a mesma raiz: a imagem é o resultado da ação de imaginar.

Pois bem, nem começamos a ver esta exposição e imaginamos que ela poderia ser muito maior, ocupar não três das cinco galerias da Funarte, mas todo o edifício, confundindo as obras expostas com cartazes e recortes de jornais espalhados pelo prédio, e até com seu belo logotipo (porque Ziraldo começa sua gestão



'O extraordinário é a morada do poeta', trabalho de Luciano Figueiredo (21x47 cm)

à frente do órgão propondo um concurso para escolha de um novo logotipo, se o que existe é bom, se realizar este concurso significa deslocar Cr\$ 20 milhões que seriam mais bem aplicados em outra atividade; se depois de aprovado o novo logotipo será preciso gastar mais dinheiro mudando papéis, envelopes, *displays* etc.; será que o dinheiro já está sobrando?, mas, dizia, a exposição saindo à rua e se misturando com placas, faixas, números luminosos, *outdoors*, revistas etc. É impressionante como estamos mergulhados até o pescoço, melhor, até o olho, neste universo icônico que é a sociedade moderna de consumo. No caos urbano, a palavra é imagem, sempre foi, para o artista sobretudo. Na tela, no papel, no espaço, ela é ícone, ela se materializa em imagem.

Aliás, este o drama do crítico, que é obrigado a empregar palavras para falar de imagens, de fatos visuais. O crítico literário fica no mesmo território do artista. Palavras, pois. Ou ícones.

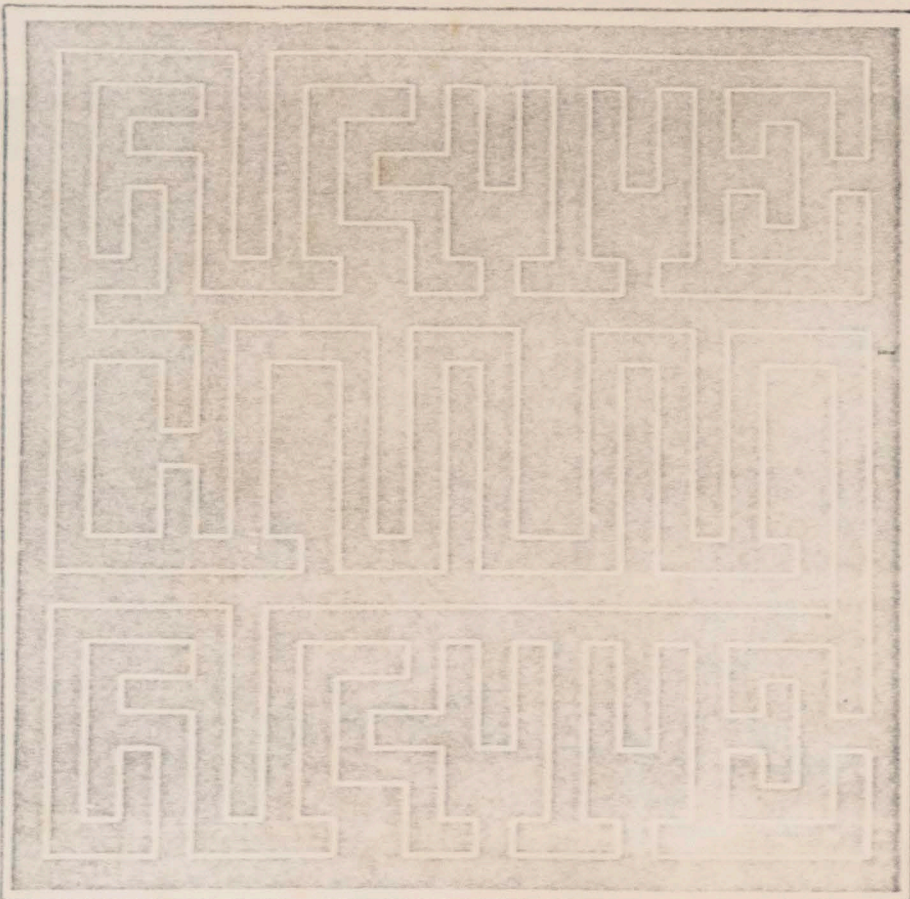
Antonio Manoel procura, no lugar adequado, no jornal marrom, o criminoso Marcel Duchamp, homem de muitas faces e/ou disfarces, de Gertrude Stein a "Rose Selavy", ou como diria Augusto Duchamp, ele vai do *tromp-l'oeil* ao *tromp-l'oreille*. Ao seu lado, na mesma fronteira do marginal e das interdições, Paulo Garcez segue produzindo manuscritos e escritas eróticas. E antes mesmo que a indigestão ocorra, nesta gastronomia verbicovisual, Anna Maria Maiolino faz a crítica metalinguística da exposição com seu "Glu Glu Glu", um objeto de 66. Atualíssimo.

Entre as sílabas, a burocracia é condenada

Ali por perto, Iwald Granato mostra vários cartões com seus grafismos plurais, Roberto Magalhães reescreve, com a meticulosidade de sempre, o "Gênese" e Ivan Serpa faz um ultimato cupinizado, expondo seu auto-retrato e um antilivro: é rabisco só. E também rabiscando que a excelente Moñica Nador cria delicadas vegetações litográficas, como se captasse no papel apenas vento — e eu me lembrei agora de Jesus Soto. Rabiscos ainda são as escritas que Osmar Fonseca foi buscar na pré-história amazônica, reatualizando mitos e lendas: perseguir a borboleta azul significa comer muitos sapos. Glu-Glu-Glu.

Transparências: o "Te", em neon de Theresza Simões, o mergulho do corpo (palavra? imagem?) na caixa d'água de Hélio Oiticica, que percorre, como o fez tantas vezes, os territórios à margem, entre Mangue e Bangu: a arte e a vida sempre a perigo, o artista em guerra com o mundo. Transparências ainda: a bela chuva grafitada de Aguilár, as escritas do mar ou ideogramas do acaso nas aquarelas de Amélia Toledo. Qual o limite entre palavra e imagem, onde termina o não-palavra, onde começa o mar-imagem, miragem?

De novo a palavra, com todas as letras: burocracia. Nos espaços entre sílabas, a sonora condenação do poder burocrático: o tempo é sua arma e seu poder. Da cartilha ("Sobre arte") de Anna Bella Geiger ao alfabeto da fome de Vergara: onde está o feijão? O rato comeu nos porões da Cobal. O Z de Zorro



'Arte como arte', serigrafia (de 60x70, 1950), de Júlio Plaza

ou o "V de Brás Cubas": chicotada visual, a elegância de Machado de Assis e o anarquismo de Júlio Bressane. V de vôo, "prop poético", ou como diz Luciano Figueiredo homenageando Wally Sailor-moon, "O extraordinário é a morada do poeta". Palavras no "tabaréu construtivo" do anarcopoeta, "poemóviles" de Augusto de Campos ("cubograma") e Júlio Plaza ("os ícones são redondos", precipitação art-decô do poema "postudo"), a mão que arranca/revela/a noite no poema de Gullar, palavras — audíveis, pegáveis, enganadoras, verdadeiras, sofridas, alegres, concretas, aéreas, "ai, palavras, ai, palavras" como diz Cecília Meireles em seu "Romanceiro da Inconfidência" e que Piran cobre de purpurinas coloridas.

Letras, palavras, carimbos, caligrafias, escrituras, manuscritos, grafismos, desenhos, *design*, *mail-art*, poesia visual, poemas, poemas-objetos, a exposição não permite respirar e poderia ainda ser muito maior, pois falta muita gente e vários segmentos da proposta não foram abordados, o *graffiti* e a assinatura do artista, por exemplo. Penso na assinatura de Iberê Camargo, tão incisiva quanto aquele "Je t'aime" do norte-americano Motherwell visto na Bienal de São Paulo. Há ainda Décio Pignatari psicografando Oswald de Andrade, a palavra puxando a imagem em "Oh Catulo", cujo poema clássico "organismo/orgasmo" mereceu uma "perversão" de Júlio Plaza, isto é, seu "orgasmo áureo". E também o filão eletrônico-tecnológico, parcialmente representado, com a eletropoesia de Eduardo Rac e a holo (olho) — grafia do mesmo Rac com Catia Preta. Seria preciso ainda mineirar muito, a coisa ficou na superfície, é ouro de aluvião. Como diz Júlio Plaza, na apresentação dessa mostra instigante e rica, "A colaboração entre a linguagem verbal e sua dimensão visual-escrita perde-se no tempo das culturas milenares orientais" (...) Já na modernidade é difícil pensar num movimento, vanguarda ou artista que não tenha feito uso da escritura como suporte de seu pensamento visual". O assunto, portanto, não se esgota. Mas eu não tenho mais espaço, nem palavras.

● PS — Eu havia prometido ao Ronaldo Macedo escrever, hoje, sobre sua bela exposição na Galeria Paulo Klabin. Mas fui seduzido pelo brilho das palavras desta outra exposição. Poderia aplicar à pintura silenciosa de Ronaldo (e mesmo assim calorosa) o que Amílcar de Castro disse de sua escultura: "Verbo — silêncio vivo/criador das montanhas/e fundador de um reino onde a palavra é inútil". Mas isto são também palavras — ou sílabas. O seu texto fica para amanhã.